

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LUISA RUZZARIN PESCE

Sobre a inveja e o narcisismo: uma perspectiva psicanalítica acerca das novas redes
sociais virtuais.

Porto Alegre

2013

LUISA RUZZARIN PESCE

Sobre a inveja e o narcisismo: uma perspectiva psicanalítica acerca das novas redes sociais virtuais.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Milena Rosa da Silva

Porto Alegre

2013

Luisa Ruzzarin Pesce

Sobre a inveja e o narcisismo: uma perspectiva psicanalítica acerca das novas redes
sociais virtuais.

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Psicanalista Lizana Dallazen – Sigmund Freud Associação Psicanalítica

Orientadora – Prof^a Dra^a Milena Rosa da Silva - UFRGS

Porto Alegre

2013

Agradecimentos

O término do Trabalho de Conclusão de Curso marca o final de uma etapa. Dessa forma, sinto que deveria dizer algumas palavras para aqueles que dela participaram de alguma forma.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha mãe, Claudia Formoso, pelo cuidado, carinho e amor e, ainda, por servir de modelo como pessoa e psicóloga. Gostaria de agradecer ao meu pai, Ricardo Pesce, pelo exemplo e por sempre me incentivar a dar o melhor de mim. Obrigada as minhas irmãs, Laura, Maria Eduarda e Olívia, por sempre se fazerem presentes e me apoiarem em todo esse percurso. Ao meu padrasto Celso Correa e a minha madrasta Lucia Azevedo, por sempre me apoiarem e por fazer a nossa família ainda mais unida.

Obrigada as minhas avós maravilhosas, minhas segundas mães, que sempre me acolheram, fizeram preces e acreditaram em mim. Obrigada aos meus dois vós, por servirem de exemplo e mostrarem o valor da família.

Gostaria de agradecer a todas as minhas amigas que sempre estiveram do meu lado: as eternas rosarienses, Daniele Fuhrich, Alessandra Cunha, Marina Polesso, Daniela Lima e Yasminie Ramos; e também as que encontrei ao longo dessa trajetória na psicologia, Camila Dresch, Eduarda Barcelos, Karine Szuchman, Raquel Henkin e Lais Trentini. Obrigada, também, ao Felipe, pelo carinho e paciência sempre.

Muito obrigada a todas as psicólogas da Sig, por servirem de exemplo, acolherem minhas angústias e me despertarem cada vez mais o gosto pela psicanálise. Às colegas e supervisoras de estágio no Hospital Presidente Vargas, em especial a Francine, por toda a troca, muito além da supervisão.

Obrigada a minha orientadora Milena Rosa da Silva, por topa o desafio de me orientar nessa temática. E obrigada a Lizana Dallazen, por todo o ensinamento durante o estágio e por aceitar o convite de comentar o meu trabalho.

Com todo carinho e gratidão, muito obrigada a todos!

Sumário

Introdução	6
Sobre a inveja	8
Sobre o narcisismo	14
Uma análise sobre as redes sociais	16
Considerações Finais	23
Referências Bibliográficas	26

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma discussão teórica sobre as novas formas de relacionamentos contemporâneos, as redes sociais virtuais. Essas oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação centrados em um padrão egocêntrico de relacionamentos. Alguns potencializam as redes sociais preexistentes, através da comunicação mediada pelo uso da internet; outras, por outro lado, propiciam a produção narcísica de perfis sem conexão obrigatória com a realidade e estimulam a competição pelo aumento compulsivo da rede de contatos (Aguiar, 2007).

A motivação para desenvolver esse estudo partiu de um artigo desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Humboldt e da Universidade Técnica de Darmstadm. Nesse, Krasnova, Wenninger, Widjaja e Buxmann (2013) revelaram que cerca de um terço dos usuários da rede social *facebook* apresentam, após acessá-la, sentimentos descritos como negativos, sendo eles insatisfação e frustração. Para os autores, a inveja estaria por trás desse sentimento de insatisfação descrito pelos entrevistados, uma vez que o acesso abundante a perfis de amigos aparentemente bem sucedidos proporciona uma inevitável comparação que, conseqüentemente, pode despertar a inveja. Dessa forma, o “site” poderia levar os usuários a quererem “enfeitar” seus perfis na rede, provocando inveja entre os outros usuários, praticando o fenômeno proposto por eles de “espiral da inveja”.

O estudo possibilitou, ainda, estabelecer uma relação negativa entre a inveja que surge ao acessar a página e a satisfação dos usuários em outros aspectos da vida. Foi possível perceber que aqueles que não utilizam o instrumento como forma de interação com outros amigos, restringindo-se apenas a olhar fotos e atualizações, estão particularmente sujeitos às experiências dolorosas.

A partir dos resultados encontrados nessa pesquisa, esse estudo propõe-se a fazer uma apreensão do conceito de inveja, introduzido por Melanie Klein, passando por diversos autores até chegar à sua definição feita por escritores contemporâneos. Investigar o que está por trás desse sentimento primitivo pode fornecer subsídios para pensarmos o que estamos vivenciando nos dias de hoje.

Além disso, o artigo pretende fazer um breve entendimento do conceito de narcisismo a partir da perspectiva freudiana, uma vez que o valor que o indivíduo atribui a si mesmo vai influenciar diretamente a forma como enxerga o outro. A dinâmica da inveja está justamente nessa constante comparação.

Após fazer essa revisão a fim de obtermos subsídios teóricos, o texto se propõe a fazer uma análise do papel que as redes sociais vêm ocupando na nossa sociedade e de que forma vem influenciando nossos atos e a maneira como percebemos as experiências que vivenciamos cotidianamente.

Sobre a inveja

“Uma fada aparece diante de um invejoso dizendo que ela poderá, magicamente, dar-lhe tudo que os seus desejos imaginarem – bens materiais, qualidades pessoais e toda sorte de felicidade. Para isso, há uma única condição: seu vizinho, pessoa quem muito invejava, obtivesse todos os seus desejos em dobro. Sabem o que o invejoso desejou? Desejou que a fada lhe arrancasse um olho”.

A definição encontrada no dicionário sobre o conceito de inveja refere o seguinte: Desgosto pelo bem alheio; sentimento negativo que uma pessoa tem em relação à felicidade e sucesso de outra pessoa; desejo de possuir o que o outro tem – acompanhado de ódio pelo possuidor (Ferreira, 2004).

Zimmerman (2001) aponta que a etimologia da palavra inveja – formada pelos étimos latinos *in* (dentro de) e *videre* (olhar) – indica o quanto esse sentimento alude a um olhar mau que entra dentro do outro. Dessa forma, é possível encontrar significados para os conhecidos jargões de mau olhado e olho grande.

O autor ainda acrescenta que outra significação etimológica possível viria quando o prefixo *in* designa uma negativa, uma exclusão, de modo que *in* somado ao *videre* significaria que a inveja está a serviço do sujeito que, fortemente fixado na posição narcisista, recusa-se a reconhecer as diferenças entre ele e o outro, que possui as qualidades que ele necessita e que inveja (Zimmerman, 2001).

Em seu *Dicionário de Psicanálise*, Roudinesco (1997), define a inveja como um termo introduzido por Melanie Klein, em 1924, para designar um sentimento primário e inconsciente de avidez em relação a um objeto que se quer destruir ou danificar.

Segundo aponta a autora, a inveja aparece desde o nascimento e é inicialmente dirigida contra o seio da mãe.

Melanie Klein (1957), em sua obra intitulada *Inveja e Gratidão*, postula que a inveja é vista como a manifestação de impulsos destrutivos intensos, orais e anais, e a maneira de sua resolução influencia decisivamente o desenvolvimento normal e anormal da criança, bem como a formação de seu caráter. Trinca (2009) define que, para Melanie Klein, a pessoa invejada é tida como possuidora daquilo que é mais desejado, um objeto bom, sendo que o impulso invejoso visa toma-lo ou estraga-lo. Dessa forma, o aspecto destrutivo estaria sempre presente na inveja. Os impulsos destrutivos – derivados da pulsão de morte - operariam desde o começo da vida, quando o bebê coloca partes más de si mesmo, excrementos e outras maldades na mãe e no peito para destruir o que existe de bom.

Um ponto importante de ser levantado é por que existem bebês mais vorazes, que necessitam mais de suas mães que outros e acabam, dessa forma, mais insatisfeitos. Na teoria de Klein, é possível pensar divergências na relação entre o aspecto constitucional e o fator ambiental. Ela procura destacar a agressividade inata ao longo de sua obra, porém reconhece a importância do ambiente para a constituição do bebê, quando diz que a agressividade inata está destinada a ser incrementada por circunstâncias externas adversas ao passo que tende a ser mitigada pelo amor e compreensão que recebe. Figueiredo e Cintra (2004) colocam que existe uma tolerância à frustração que parece ser menor em algumas crianças que outras desde o nascimento, e com relativa independência de questões ambientais.

Neste mesmo texto, Klein (1957) refere que a inveja intensa do seio que amamenta interfere na capacidade de satisfação completa, prejudicando o desenvolvimento da gratidão. A gratidão estaria estreitamente ligada à generosidade, sendo a riqueza interna derivada da assimilação do objeto bom. Isto torna possível introjetar um mundo externo mais amistoso, decorrente daí a sensação de enriquecimento. Além disso, a autora coloca que inconscientemente a inveja seria sentida como o maior de todos os pecados, uma vez que ela espolia e prejudica o objeto bom que é a fonte da vida. A sensação de haver danificado e destruído o objeto primário

prejudica a confiança do indivíduo na sinceridade de suas relações posteriores e o faz duvidar de sua capacidade para o amor e a bondade.

Tornou-se frequente encontrar expressões de gratidão que mostram ser impelidas principalmente por sentimentos de culpa e, muito menos, pela capacidade de amar. Nesse sentido, a inveja contribuiria para as dificuldades do bebê em construir seu objeto bom, porque ele sente que a gratificação a qual se viu privado foi guardada para si mesmo pelo seio que o frustrou.

Winnicott (1959), por outro lado, faz uma releitura da obra kleiniana e acrescenta que a inveja em um bebê só pode fazer parte de um estado de questões muito complexo, no qual há uma representação aterradora do objeto. Para ele, a inveja da mãe por algo de bom nela só poderia aparecer se a mãe for assustadora em sua apresentação de si própria ao bebê. Nesse caso, significaria que a mãe adapta-se apenas o suficiente para que o elemento criativo do bebê seja atendido e este comece a perceber que existe algo de bom externo ao self, entretanto não mantido, de maneira que o bebê, até certo ponto, sente-se privado. Dessa forma, quando as qualidades da mãe acham-se disponíveis ao bebê, a inveja não encontra lugar e a questão dela não surge. A partir disso, a inveja tem raízes profundas na natureza do bebê e o aparecimento dela constitui uma reação ao fracasso de adaptação da mãe.

O autor ainda acrescenta que o tema da inveja poderia ser enunciado em termos de um processo de desilusão que começa pela adaptação da mãe e inclui o fracasso gradual dela em adaptar-se, combinado com a capacidade crescente que o bebê tem em lidar com esse fracasso. Dessa forma, seria possível ver a inveja como um elemento real na vida do bebê.

Zimmermann (1999) coloca que inúmeros fatores concorrem para gênese, o processamento e as consequências do sentimento de inveja. De forma muito didática, o autor procura colocar em certa ordem cronológica a enumeração de alguns dos mais importantes. O primeiro deles seria o estado de neotenia, período muito prolongado de uma dependência total, absoluta e irrestrita em relação à mãe. A inveja propriamente dita coincide com os primeiros movimentos de uma discriminação entre o eu e o outro, em que o bebê percebe que ele depende totalmente dos outros. Pela razão de que o lactente não distingue entre ele e sua mãe, diante das sensações de frio, fome, dor ou

solidão, todo o seu mundo é sentido como sendo um vale de sofrimento, devendo tudo isso representar uma vivência de algo similar à morte (ansiedade de aniquilamento).

É uma necessidade ou um desejo insatisfeito que vai dar origem a uma sensação semelhante a um roubo ou uma privação injuriosa e lhe suscita a mesma agressão que lhe provocaria um real ataque dessa natureza. Para o autor, é contra essa “dependência má” que a inveja se organiza (1999, p.145). Dessa forma, existe uma inevitável sucessão de feridas narcísicas – a que todos passamos ao longo do desenvolvimento, como o reconhecimento da criança de que ela depende de outros, a percepção de que existem diferenças de geração e capacidade entre ela e o adulto, a constatação de que tem imperfeições, limites e limitações impostas pela realidade. Gomes (1998), coloca que a inveja visa reduzir o sujeito e o objeto a uma uniformidade e igualdade, em que não existe inveja uma vez que não existe nada a invejar. Nesse sentido, é possível ver uma das formas pela qual a inveja expressa o instinto de morte, cujo desfecho é criar o indiferenciado, o homogêneo, um objeto desprovido de qualquer substância ou existência.

Outro ponto crucial no entendimento da constituição da inveja seria o reconhecimento dos conceitos de ego ideal e ideal do ego 1. A crença da criança de que ela ainda é a possuidora dos atributos onipotentes, próprios do período narcisista, de indiscriminação, constitui o ego ideal, o qual está sempre muito atuante na pessoa invejosa. O ideal do ego institui-se a partir do fato de que as expectativas idealizadas da criança em relação a si mesma são projetadas nos seus planos para o futuro, dessa forma, elas somam-se às expectativas narcísicas específicas e próprias dos seus pais. O ego ideal é a expressão da grandiosidade e das ambições, e o ideal do ego é a expressão do que o indivíduo, no futuro, pode vir a ser. Quanto maior for a distância entre o ideal de ego e a realidade, maior será o sentimento de inveja.

Zimerman (1999) aponta a formação de “fetiches” como uma das etapas no processo da inveja. É comum que o ego ideal fique depositado em algo ou em alguém, que passam a ser os portadores dos atributos narcisistas supervalorizados, como beleza, poder, inteligência, riqueza e prestígio. Para o autor, aquilo que é revestido destes valores narcisistas do ego ideal pode ser considerado um fetiche sempre que preencher as três condições mínimas que o caracterizam: que ele complemente ou suplemente uma

falta essencial, que a parte passe a ser representada como sendo o todo e o fato de que aquilo que é invejado esteja a serviço de uma negação, do tipo renegação, visando preencher o vazio da falha narcísica por meio de um fetiche. Para o autor, um dos fatores mais importantes no surgimento do sentimento de inveja é o que resulta de uma excessiva idealização de outra pessoa, a qual se faz portadora de todas as qualidades valoradas, enquanto o sujeito que inveja entra em um círculo vicioso resultante de uma auto-esvaziamento acompanhado de uma autodesvalia, que acarreta mais idealização do outro, seguido de mais inveja, em um circuito quase interminável.

Nos casos de inveja excessiva costuma haver, proporcionalmente, um prejuízo na capacidade de formação de símbolos – capacidade de substituir um objeto ausente por outro equivalente. Essa é a razão porque, na lógica do invejoso, não existe um objeto que seja análogo: o que há é um objeto único e incompartilhável.

Ainda tentando apreender esse conceito, vale traçar uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade, segundo apresentado por Klein (1957). A inveja é definida como o sentimento irado de que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável, sendo o impulso invejoso tira-lo dela e destruí-lo. Além disso, a inveja refere-se à relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta a mais primitiva relação exclusiva com a mãe. Já o ciúme se baseia na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas, dizendo respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido ou que lhe foi tirado e acha-se na iminência de ser, pelo seu rival. A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, a exceder aquilo que o indivíduo necessita e que o objeto se acha capacitado e disposto a dar.

O ciúme difere da inveja porque ele faz temer perder o que se tem e a inveja é sofrida por ver o outro possuir o que ele deseja para si. Dessa forma, o ciúme significa sentir amor pelo objeto, não o espoliando e danificando como seria pela inveja. Poderia dizer que a pessoa invejosa é insaciável, que nunca pode ser satisfeita porque sua inveja se origina de dentro e, portanto, sempre encontra um objeto para colocar-se em foco. Isso demonstra, segundo Klein, a estreita conexão entre a voracidade e a inveja.

Zimerman (1999) observa que o indivíduo que sente inveja apresenta uma série de características que, virtualmente, estão sempre presentes e manifestas. Dentre elas, ele compila as mais notórias. Inicialmente, a inveja sempre se destina a algo que já

pertence a outro. Podendo ser um atributo material ou físico, este “algo” acaba sendo significado como um fetiche altamente valorizado e a sua falta é sentida como extremamente dolorosa. Em seu imaginário, este “algo” é visto como sendo especial e único, dessa forma não pode ser compartilhado. Assim, aquele que possui a inveja não se satisfaz em possuir algo análogo ou igual ao que é visado e, sim, exatamente aquilo que já é uma posse do outro, para que esse fique despojado e ele seja o único a possuir o bem tão almejado, uma vez que o mesmo está revestido de uma extrema idealização e das demandas do ego ideal, característicos da posição narcisista. Para pessoa que sente a inveja, devido à falha em seu registro simbólico, não é possível se satisfazer com algo que seja semelhante ao que o outro possui, já que sempre parte do pressuposto de que o outro é sempre melhor (“a grama do vizinho sempre é a mais verde”).

Uma característica inevitável é a constante comparação entre a pessoa invejosa e os demais, em que só existe uma possibilidade: ou ela é a vencedora, ou a perdedora. Diante do risco de vir a ser humilhado como perdedor, é comum que ele evite colocar-se em situações em que existam comparações pelo recurso de não se arriscar a pôr em prova suas legítimas capacidades, diminuindo as oportunidades que surgem ao longo da vida. Como um reforço dessa posição, o indivíduo invejoso prefere ficar preso em um processo de ilusão de devaneio, ao passo que se torna um feroz crítico das realizações dos outros.

Ao longo do texto, Zimerman (1999) aponta, ainda, outras características, dentre elas aspectos que pretendo abordar, neste trabalho, mais adiante. Para ele, uma causa comum de inveja é a constatação da ausência desse sentimento em outros, por esse motivo, um importante método, sutil, porém frequente, de defesa contra o surgimento da inveja, consiste em despertar esses sentimentos nos demais. Além disso, outro método para se defender da inveja consiste em sufocar os sentimentos de amor e trocá-los pelos de ódio, uma vez que os últimos são mais fáceis de suportar, já que previnem a frustração e diminuem a culpa, que fica mais intensa quando prevalece o sentimento de amor.

Sobre o narcisismo

O termo narcisismo foi introduzido na psicanálise, a partir do mito grego de Narciso, para designar o amor que um indivíduo sente por si mesmo. Nesse, o personagem que dá nome à lenda, apaixona-se por uma pessoa sem saber que se tratava da sua própria imagem refletida na água.

Freud utiliza pela primeira vez o termo narcisismo em 1910 para explicar a escolha de objeto nos homossexuais, uma vez que, ao escolherem um parceiro à sua imagem, esses tomariam a si mesmos como objeto sexual, para que possam amar como a mãe os amou (Laplanche, 1967). Um tempo depois, Freud faz do narcisismo uma fase intermediária do desenvolvimento psicosexual infantil que estaria situada entre o autoerotismo – marcado pela masturbação – e a fase evoluída – caracterizada pelo amor de objeto (Quinodoz, 2007).

Em sua obra *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) vai reafirmar a natureza aparentemente sexual da libido e descrever o narcisismo primário, no qual a criança toma a si mesma como objeto de amor e como centro do mundo, antes de dirigir a objetos externos. Para ele, uma unidade comparável ao ego não poderia existir desde o começo, teria que ser desenvolvido, portanto seria necessário que algo fosse adicionado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, a fim de provocar o narcisismo.

É na fase do narcisismo primário que a criança vai ser a depositária de todas as atribuições de perfeição por parte dos pais. “*Sua majestade, o bebê*”, como nomeia Freud, terá direito a mais divertimento que seus pais, concretizará seus maiores sonhos, não estará vulnerável às leis da natureza, como a doença e a morte. O autor descreve o investimento que os pais fazem em um filho, referindo:

“... se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com seus filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram (...). O amor parental, tão comovedor e tão infantil no fundo, não é mais que uma ressurreição do

narcisismo dos pais, que revela evidentemente sua antiga natureza nesta transformação em amor objetal”. (p. 108)

Freud passa, então, a se questionar o que acontece com o amor desmensurado por si própria, característico do narcisismo primário da criança, quando, ao crescer, se depara com as frustrações do mundo exterior. Para ele, o desejo de perfeição narcísico presente na infância não desapareceria, mas seria substituído pela constituição de uma instância intrapsíquica chamada de ideal de ego. Aquilo que o adulto projeta diante dele como seu ideal seria o substituto do narcisismo perdido de sua infância, no qual ele era seu próprio ideal.

Laplanche (1967) define ideal do ego como uma instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os seus ideais coletivos. Funciona como um modelo que o indivíduo procura adequar-se.

Quanto mais próximo o indivíduo ficar de seus ideais de ego, mais elevada será sua autoestima. A autoestima forma um dos componentes do autoconceito e manifesta-se pela aceitação de si mesmo como pessoa e por sentimentos de valor pessoal e de autoconfiança (Sopezki, 2007). Por ser considerada um importante indicador de saúde mental, ela constitui um dos determinantes mais importantes do bem-estar psicológico e do funcionamento social (Salmivalli, Kaukiainen, Kaistaniemi e Lagerspetz, 1999; Andrade e Angerami, 2001 apud Sopezki, 2007).

Uma análise sobre as redes sociais

“Nossa vida nos parece muito mais bonita quando deixamos de compará-la com as dos outros”.

(Nietzsche)

Atualmente, é possível observar determinados padrões que vem se mostrando evidentes por uma maioria. Os nossos ideais de ego estão uniformizados: queremos beleza, inteligência, prestígio e dinheiro para usufruir de tudo que nos é oferecido. Kehl (2002) coloca que essas razões de mercado revestidas das aparências de um “saber viver” só funcionam se conseguimos reduzir a vida a uma perspectiva mais achatada, o circuito da satisfação das necessidades. Esse circuito parece a busca de um desejo insaciável, porém não o é, uma vez que os objetos oferecidos existem no mundo, criando a permanente ilusão de que o desejo pode ser satisfeito, enquanto o objeto de desejo é inexistente, perdido desde sempre, cuja busca lança o sujeito em uma incansável repetição.

Kristeva (2002) aponta que estamos vivenciando a transformação dos desejos em imagens. As relações se sustentam na forma como nos mostramos para o outro, isto é, como se estivéssemos sempre gozando. As imagens acabam dizendo sobre quem se é, elas se justificam por si, causando uma dificuldade de estranhamento pelo excesso.

Também sobre esse tema, Bruno (2005) coloca que, atualmente, a crescente exposição da vida íntima e privada nas redes sociais e a forte presença da imagem na relação que os indivíduos estabelecem com o mundo, com o outro e consigo apontam para uma subjetividade extremamente próxima do olhar do outro e inserida em um regime de visibilidade onde as tecnologias de comunicação ocupam lugar fundamental.

É possível observar, em nosso cotidiano, as diversas formas em que esse atravessamento pela imagem se coloca. Quando frequentamos eventos culturais, percebem-se milhares de luzes entre o público, indicando câmeras e aparelhos celulares, todos a postos para registrar o momento. Na maioria das vezes, o show é enxergado

através das lentes, trazendo como consequência que as experiências se tornem registros fotográficos, que só terão valor se puderem ser apreciados pelo outro. Kristeva (2002) aponta que a experiência cotidiana parece demonstrar uma espetacular redução da vida interior.

Trazendo em análise as novas redes sociais, pode-se perceber de forma clara como tudo que foi exposto se coloca. No mundo virtual, não existe espaço para a falta, a felicidade e a completude são pré-requisitos para inclusão. Viagens, passeios, encontros e festas são exibidos como se só tivessem valor com o reconhecimento do olhar – em geral invejoso – do outro.

As formações imaginárias organizam-se em torno do eu narcísico, das identificações e das demandas de amor e reconhecimento. Existir por intermédio da imagem torna insuportável qualquer forma de exclusão – se eu não sou visto, eu não sou. Diante disso, qualquer forma de alteridade se torna ameaçadora. Há quem se autorize a tirar a vida alheia ou mesmo prefira pagar com a própria vida o preço dos quinze minutos de fama e de viabilidade aos quais, supostamente, todos teríamos direito já que a “fama” vem a ser o substituto da cidadania na cultura do narcisismo e da imagem. (Kehl, 2002, p.25)

As próprias redes se encarregam de dimensionar o valor de determinada experiência, afinal quanto mais “curtidas” e “comentários” esta recebeu, mais “popular” é o protagonista da cena. Mas esse protagonismo tem um preço. Assim, como a fábula do olho mencionada anteriormente, pode-se fazer uma associação com o que encontramos em nossos dias. Na tentativa de registrar as nossas experiências, incessantemente, buscando valor nas mesmas, muitas vezes, trocamos nosso olhar pelas lentes de vidro. Analogamente à cena da fábula, a questão passa a ser o preço que estamos pagando por essa troca, uma vez que o registro interno da experiência fica prejudicado em nome de um registro material.

Analisando os pontos expostos acima no que se refere às características da pessoa que sente a inveja, um aspecto levantado seria o círculo vicioso de tentar despertar no outro o sentimento de inveja sentido por si próprio. Nesse sentido, pode-se pensar o funcionamento das redes sociais, uma vez que, quando as acessamos, algo é despertado – levanto aqui a hipótese de um sentimento de inveja – e passamos, então, a

querer despertar esse mesmo sentimento nos outros. Existe um padrão de repetição quando se fala nas novas tecnologias de relacionamento semelhante ao padrão apontado teoricamente sobre o conceito de inveja.

Além disso, podemos apreender também o conceito de fetiches da inveja, exposto anteriormente, nas redes sociais: o prestígio aparece com o número de amigos, quantas pessoas te seguem ou curtem as fotos e as publicações; a beleza com todas as fotos e efeitos possíveis de transformá-las em verdadeiras capas de revistas; o poder, que se pode pensar ser medido, na atualidade, como poder aquisitivo, aparece com viagens, idas a restaurantes, trocas de carro. Na era das novas redes sociais, até as nossas experiências mais íntimas acabam tendo necessidade de serem compartilhadas, como os inúmeros pratos expostos.

O escritor francês Proust, na primeira parte do seu romance intitulado “*Em busca do tempo perdido*”, procura descrever a experiência e o que foi sentindo enquanto apreciava um chá durante a sua infância: “*Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal*”.

A partir dessa ilustração, penso ser importante uma reflexão acerca do que está se passando com as nossas vivências na atualidade. Será que existe espaço para vivermos de fato as nossas experiências? Em uma tentativa constante de transformar em imagens grande parte do que acontece ao longo dos dias – digo grande parte, pois existe um inegável destaque para momentos de felicidade – acaba-se por antecipar o registro que viria a posteriori à experiência.

Em 1933, Walter Benjamin, em sua obra intitulada *Experiência e Pobreza*, define a experiência como algo que é passível de transmissão através de uma narrativa, que normalmente passa de geração a geração. Para ele, com o advento da imprensa, a criação de livros, prosas, foi distanciando as pessoas da troca necessária na narrativa. Os

anos foram passando e o jornal foi sendo o meio a veicular as informações, que vinham cada vez mais cortadas e difusas, reduzindo a experiência a uma simples nota.

Trazendo para o âmbito das redes sociais, o que se observa é uma tentativa incessante de transmissão de experiências cotidianas a toda rede de contatos. Isso leva a pensar em dois aspectos: o primeiro, de que forma essa experiência está sendo transmitida, uma vez que, na maioria das vezes, temos fotos com pequenas frases, tentando fazer a transmissão do que se passava no momento em que foi tirada; segundo, para quem direcionamos a nossa transmissão. A partir do momento em que todos recebem o que queremos passar, a narrativa se esvazia por completo, porque narrar supõe alguém ouvir.

Talvez a vontade de ser ouvido seja tanta, que o importante é saber que, dentre aqueles inúmeros contatos, alguém está lendo e se ocupando da minha história. O que acaba tendo como consequência, no entanto, é uma grande confusão entre as questões do âmbito público e privado. Exposições da vida pessoal passam a se tornar cotidianas ao acessarmos a página. A seguir, trago alguns trechos retirados de usuários das redes:

“Gente, fiquei duas horas na escola da minha filha e só consegui falar com quatro professores. A demanda estava algo... Parecia fila da Disney. Óbvio que no final a diversão não era a mesma...”. (Mulher, 40 anos)

“Vou arrumar o quarto e esperar meu amor para jantar...”. (Mulher, 20 anos)

Em ambos os exemplos, é possível perceber uma vontade de compartilhar com o outro o que está se passando, porém, analisando mais afundo, podemos perceber que outros elementos estão postos nas entrelinhas. Utilizando o primeiro exemplo, o que está por trás quando ela escreve a “típica” rotina de quem tem filhos em idade escolar é o quanto ela é uma mãe presente e participativa, que ela consegue ter tempo para dispor em situações como essa – tão raro na sociedade imediatista em que vivemos, onde o trabalho impõe-se como prioridade e onde mães e pais culpam-se constantemente por sentirem-se ausentes. Além disso, ela arremata a “cereja no bolo” divulgando que já levou a filha para Disney, viagem considerada sonho de consumo para muitas crianças.

Já no segundo exemplo, o que parece um breve desabafo de quem está apenas esperando o namorado e, sem nada melhor para fazer, decide publicar algo, pode ser

pensado de forma muito mais ampla e profunda. Nesse caso, ela consegue mostrar ao mundo que tem um namorado, que está apaixonada e que, em breve, eles compartilharão momentos de intimidade. Independente de sabermos que o que aparece nas redes sociais nem sempre é verdade, compramos a ideia.

O que é possível perceber, a partir desses exemplos, é que o próprio *facebook* captura o sujeito nos seus aspectos mais primitivos, funcionando como um disparador de impulsos reprimidos existentes em todos nós, tanto no que concerne ao funcionamento da inveja, quanto à lógica que caracteriza a posição narcisista. Dentre algumas das características dessa posição narcisista, estão a escala de valores centradas no ideal do ego e o jogo de comparações de lógica bipolar do “tudo ou nada”. Nesse, a pessoa narcisista sofre muito com o êxito dos outros, uma vez que, por comparação, isso representa para ele um fracasso seu (Zimerman, 1999).

É possível perceber, também, que uma das características encontradas no início do desenvolvimento psicosexual são as pulsões parciais. Essas registram-se por elementos últimos a que chega a psicanálise na análise da sexualidade. Cada um desses elementos se especifica por uma fonte (pulsão oral, anal, por exemplo) e por um alvo (pulsão de ver, de apossar-se) (Laplanche, 1967). Pode-se pensar que, no caso das redes sociais virtuais, a pulsão escopofílica – de ver – associada com o voyeurismo – de exhibir-se – fazem parte do funcionamento. A pessoa, nesse caso, se despe simbolicamente para o outro, pois acaba exibindo sua intimidade para o âmbito público. Isso porque, obviamente, tem quem queira espiar.

Além disso, ainda pensando essa regressão vivida pelos usuários das redes sociais, a própria busca incessante pelo olhar do outro remete a importância do olhar proposta pela psicanálise na constituição e unificação do corpo narcísico do bebê. Bruno (2004) propõe que essa exteriorização perante o outro não se trata de uma exposição de uma interioridade constituída, mas principalmente de uma subjetividade que se constitui prioritariamente na própria exterioridade, no ato mesmo de se projetar e de se fazer visível a outrem.

Um fenômeno que tem se visto muito no próprio *facebook* é a questão de publicar na página pessoal frases que funcionam como receitas de como encarar adversidades e saber viver a vida. A partir do que a autora acima coloca, torna-se

evidente a necessidade de expor para o outro o que gostaria de ser e ficar a espera do reconhecimento, nesse jogo de subjetivar-se a partir da exterioridade. Abaixo, trago exemplos disso:

“Para se aproximar da felicidade, é necessário identificar as causas da nossa infelicidade e as causas da nossa felicidade; depois, extinguir os primeiros e estimular os segundos” (mulher, 55 anos).

“Planejar a infelicidade dos outros é cavar com as mãos um abismo para si mesmo” (Frase do Chico Xavier, publicado por uma mulher, 50 anos).

“Em um mundo feito de aparências, feliz é aquele que consegue viver de verdades” (Mulher, 30 anos).

Para Filho (2003), de uma forma ou outra, estamos todos envolvidos no projeto de construção e manutenção de uma aparência, de um estilo e de uma imagem, ao mesmo tempo particular e socialmente desejável. O autor aponta que temos consciência da maneira como articulamos nosso discurso, nossas opções de férias e lazer, nossas preferências de música, cinema, programas de televisão, a forma como nos vestimos ou o que comemos serão avaliados como principais indicadores de nossa personalidade e individualidade.

Quando falamos de tudo isso, estamos nos referindo ao conceito de estilo de vida, que vai refletir a atitude revelada pelo indivíduo na escolha de certas mercadorias e padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social. Isso sinaliza que a nossa “individualidade” e nossa identidade são moldadas dentro de escolhas e estruturas mais amplas (Filho, 2003). Para o autor, o estilo de vida tende a indicar um modelo puramente cultural, sendo constituído por imagens, representações e signos disponíveis no ambiente midiático.

Além disso, em tese, qualquer pessoa pode trocar de estilo de vida, ao mudar de vitrine, loja ou canal de televisão. Dessa forma, os indivíduos estariam impelidos a

escolher, construir, sustentar, interpretar e exibir quem devem ser ou parecer, lançando mão de uma gama imensa de recursos materiais e simbólicos (Filho, 2003 *apud* Slater, 2002).

Na lógica das novas redes sociais, somos o que parecemos ser, ou o que queremos parecer ser. Assim, vamos constituindo nossa subjetividade a partir do que mostramos e do que o outro passa a reconhecer em nós.

Considerações Finais

Estamos vivendo em uma cultura marcada pela valorização da imagem. Dessa forma, nossa subjetividade vem se constituindo em função disso, uma vez que tentamos ser o que mostramos, mostrando ao mundo o que desejaríamos ser. Esse emaranhado em torno da imagem acaba gerando uma grande atrapalhão, pois estamos abdicando de um autoconhecimento em prol de um reconhecimento por parte do outro.

As novas redes sociais virtuais acabam se prestando muito para isso, funcionando como dispositivo instantâneo de formação de imagens. Quando se está na rede, é possível mostrar apenas as faces que desejamos que apareçam, não existindo espaço para a falta. Assim, estamos diante de um cardápio de pessoas felizes, amadas, realizadas profissional e emocionalmente, com condições financeiras de usufruir de todos os tipos de diversão, principalmente idas a restaurantes caros, viagens e festas, enfim, um mundo regido pelo princípio do prazer.

Para ter tudo isso à mostra acaba-se pagando um preço alto: muitas vezes abrimos mão de viver o momento, com toda a intensidade que ele pode proporcionar, em nome de um registro para o outro. As fotos acabaram perdendo o sentido de servir como memória, que depois de um tempo olhamos para lembrar e recontar a nossa história, passando a funcionar como testemunha de vivências, uma vez que a imagem é o recurso que temos para comprovar o nosso valor.

Além disso, o empobrecimento da experiência não acontece somente enquanto estamos voltados para o registro da nossa própria vivência. Em função de estarmos conectados por tempo interminável, o desejo de conferir a toda hora o que os outros estão fazendo acaba nos desconectando do nosso mundo interno. Tornou-se comum irmos a bares e restaurantes, vermos mesas cheias de pessoas, todas olhando para a tela do celular, interagindo virtualmente, ao invés de aproveitar o espaço para trocar com quem está próximo, substituindo objetos reais por objetos idealizados. A vivência real passa a ser menos importante que o reconhecimento do outro idealizado.

A experiência da confrontação da realidade pessoal, permeada por faltas, com a vida idealizada mostrada pelo outro desperta, conforme a hipótese que procurei levantar

ao longo do trabalho, um sentimento de inveja. É nesse momento que a espiral está sendo formada: ao ser tomado de sentimentos agressivos inerentes à inveja, a partir das publicações expostas na rede, o sujeito defende-se procurando despertar o mesmo sentimento nos demais usuários. Também ele quer provocar inveja; quer infringir o mesmo sofrimento no outro.

Além disso, conforme abordado anteriormente, é importante refletir o quanto as redes sociais virtuais acabam servindo como um disparador de um funcionamento mais primitivo, principalmente no que concerne à inveja e ao narcisismo. A constituição psíquica do sujeito supõe passar por diferentes etapas, dentre elas a relação idealizada, pulsões parciais, impulsos invejosos e sádicos. Assim, na maioria das vezes, esses impulsos acabam sendo renunciados e sublimados em nome de relações de objeto mais amorosas. As novas redes sociais, com a dinâmica que lhes é inerente, acabam sendo um convite para que primitivas formas de relação sejam revisitadas.

Dentro da lógica narcisista de mostrar-se perfeito e ser reconhecido como tal, além da captura pelas demais publicações, o *postar* ocupa o lugar do *pensar*. Dessa forma, aspectos íntimos, ao invés de vivenciados, rapidamente tornam-se exibidos: as primeiras gracinhas de um bebê, as declarações de amor, as felicitações e as conquistas acabam prioritariamente sendo compartilhadas com o mundo, em uma grande confusão dos aspectos públicos e privados.

Não existe como negar que, ao acessarmos às páginas, estamos todos suscetíveis a sermos invadidos por esses sentimentos e, conseqüentemente, a entrar na lógica compulsiva do mostrar-se. O que o presente trabalho procurou foi fazer uma reflexão a respeito disso, um olhar mais profundo sobre o que estamos vivenciando na contemporaneidade e o que pode estar por trás disso.

Penso que todos esses processos podem ter um custo psíquico muito alto uma vez que as relações reais estão se tornando mais empobrecidas, com momentos íntimos cada vez mais raros, os vínculos próximos estão sendo menos cultivados em nome dos mais de quinhentos amigos virtuais, a percepção em relação ao próprio valor e as próprias qualidades está cada vez pior. Dessa forma, é preciso estar atento às novas demandas psicológicas que vão surgindo, pois sendo esse um fenômeno que engloba a todos, as conseqüências possivelmente apareçam no ramo da clínica.

Enquanto psicólogos, é importante que tenhamos sempre claro o que está se passando em termos sociais, uma vez que isso reflete direta ou indiretamente a realidade psíquica de cada um. Ter um entendimento mais profundo dos processos envolvidos nos novos formatos de relacionamento, que são as redes sociais virtuais, é estar atento a um novo modo de subjetivar-se, que vai influenciar a clínica e o saber psi.

Referências Bibliográficas

Aguiar, S. (2007) *Redes sociais na internet: desafios à pesquisa*. Em Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Benjamin, W. (1993) *Experiência e Pobreza*. São Paulo: Brasiliense. (Texto original publicado em 1933)

Bruno, F. (2005) *Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows*. Em Contemporanea, Vol. 3, pp. 53 – 70.

Buxmann, P., Krasnova, H., Wenninger, H. & Widjaja, T. (2013). *Envy on facebook: A Hidden Threat to Users'Life Satisfaction?* In: International Conference on Wirtschaftsinformatik, Alemanha.

Ferreira, A. B. H. (2004) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3.^a ed., Curitiba: Positivo.

Figueiredo, L. C. & Cintra, E. (2004) *Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite*. Em: Cardoso, M. (Org.) *Limites* (pp.13-58) São Paulo: Escuta.

Filho, J. F. (2003) *Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade*. ECO-PÓS, Vol. 6, pp. 72-97.

Freud, S. (1976) Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas* (Vol. 14, pp. 85-122). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914)

Gomes, R. (1998) *Inveja e diferença: um estudo em Bion*. Não-publicado.

Kehl, M. R. (2002) *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Klein, M. (1957) *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago.

- Kristeva, J. (2002) *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Laplanche, J., Pontalis, J.-B. (1967) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Quinodoz, J-M. (2007) *Ler Freud: guia de leitura da obra de Sigmund Freud*. Porto Alegre: Artmed.
- Roudinesco, E., Plon, M. (1997) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Sopezki, D. S. (2007) *Relacionamento primário com a figura materna e auto-estima em mulheres com transtornos alimentares*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Trinca, W. (2009) *O sistema determinante da inveja*. Em: Revista brasileira de psicanálise, vol. 43, nº 3, São Paulo.
- Zimerman, D. E. (1999) *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica- uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. E. (2001) *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1994) *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed (Texto original publicado em 1959)